



055
22

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

EMBARGOS DE DECLARAÇÃO Nº: 0197116-0/02

EMBARGANTE: Estado de Pernambuco (Fazenda Estadual)

EMBARGADO: Supermercado Unirio Ltda

RELATOR: Des. Francisco Bandeira de Mello

*Petrolina
5470*

EMENTA: EMBARGOS DE DECLARAÇÃO. VALOR IRRISÓRIO DO CRÉDITO EXEQUENDO. AUSÊNCIA DE CONTRADIÇÃO, OBSCURIDADE E OMISSÃO. PREQUESTIONAMENTO. 1. A contrariedade da Fazenda está assentada nos seguintes argumentos: (i) o Decreto Estadual nº 32.549/08 considera "irrisório" apenas os valores não superiores a R\$ 2.000,00; (ii) os valores adotados pela Lei Complementar Estadual nº 105/07, autorizativos da não-propositura de execuções fiscais, só podem ser aplicados levando-se em conta a totalidade dos débitos de responsabilidade do devedor; e (iii) a prestação jurisdicional em desacordo com os parâmetros traçados pela LCE nº 105/07 invade esfera reservada ao Executivo e implica em declaração implícita de inconstitucionalidade daquele diploma legal. 2. Todavia, a análise, pelo Judiciário, da condição da ação consistente no *interesse de agir* em sede de execuções fiscais, não é vinculada nem condicionada ao *juízo discricionário* eventualmente formulado pela Fazenda exequente quanto ao valor que, *para ela*, seja irrisório. 3. Daí porque os valores de R\$ 10.000,00 e R\$ 5.000,00, objeto da LCE 105/07, em verdade não são *vinculantes* para o Judiciário, em ordem a *determinar*, em *termos absolutos*, o que seja *valor ínfimo* idôneo a caracterizar a *ausência de interesse de agir*. 4. É fora de dúvida, porém, que tais valores constituem *parâmetros óbvios* a serem considerados pelo julgador no momento de *aplicação concreta* do direito à espécie. 5. Ou seja: a partir de *conceitos indeterminados* (como o são os de *valor ínfimo* e *valor irrisório*), o julgador, tendo em vista a *realidade concreta* de um determinado momento histórico, deverá decidir se o feito executivo proposto guarda, ou não, a *utilidade prática* indispensável à caracterização do *interesse de agir*. 6. Isso porque a jurisprudência vêm reconhecendo, amplamente, a inadmissibilidade de execuções fiscais cujo custo operacional seja mais elevado do que o valor do crédito exequendo, em homenagem aos princípios da razoabilidade, da finalidade e do próprio interesse público. 7. Deveras, a pretensão do Estado em cobrar créditos fiscais de valores ínfimos configura desperdício de verbas públicas, na medida em que a movimentação do aparato judicial, nesse caso, revela-se contraproducente e antieconômica. 8. No caso de Pernambuco, a própria Fazenda classifica como *irrisórios* os valores inferiores a R\$ 2.000,00 (dois mil reais), não havendo controvérsia neste ponto. 9. No entanto, este colegiado tem entendido que são insuficientes para denotar o interesse de agir, os valores inferiores a R\$ 10.000,00 (no caso de ICMS) e a R\$ 5.000,00 (nos demais casos), *tomando por base os próprios parâmetros adotados pela LCE 105/07*. 10. Isso porque, *uma vez firmados* os parâmetros segundos os quais é possível o não-ajuizamento da ação (e, por igual razão, a extinção de ação proposta) – tudo isso obviamente em função de um *juízo legal prévio* acerca da *utilidade* do procedimento em cotejo com o valor do crédito – tem-se como consequência jurídica a *virtual eliminação*, dentro dos parâmetros estabelecidos para cada espécie tributária, da *indeterminação* do conceito de *valor ínfimo* ou *irrisório*, em ordem estabelecer uma "zona de certeza positiva"



056
23
C

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

no âmbito da qual o Judiciário poderá, sem margem a dúvida, ter por ausente o *interesse de agir*. 11. De resto, em termos processuais, o interesse de agir é de ser aferido em razão do procedimento executivo *in concreto* ajuizado, sendo irrelevante, por isso, perquirir se existem, ou não, créditos outros de responsabilidade do mesmo contribuinte. 12. Assim, tem-se que a decisão recorrida firmou suas conclusões a partir dos próprios parâmetros de *utilidade* processual adotados pela LCE 105/07, não havendo que se cogitar de sua *declaração de inconstitucionalidade*, nem mesmo de forma *implícita*. 13. Embargos conhecidos, para fins de prequestionamento, porém rejeitados, à unanimidade.

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos dos embargos de declaração nº 0197116-0/02, acima referenciado, acordam os Desembargadores integrantes da 8ª Câmara Cível deste Tribunal de Justiça, por unanimidade, em conhecer dos aclaratórios, porém negar-lhes provimento, nos termos do voto do Relator, que integra o acórdão.

Recife, 17 de dezembro de 2009 (data do julgamento).


Des. Francisco Bandeira de Mello
Relator



057
24

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

EMBARGOS DE DECLARAÇÃO Nº: 0197116-0/02

EMBARGANTE: Estado de Pernambuco

EMBARGADO: Supermercado Unirio Ltda

RELATOR: Des. Francisco Bandeira de Mello.

RELATÓRIO E VOTO

Cuida-se de embargos de declaração, com pedido de efeitos infringentes, interpostos pelo **Estado de Pernambuco** em face de **acórdão** que negou provimento ao recurso de agravo interposto pelo ora embargante, em ordem a manter a decisão monocrática proferida nos autos da Apelação Cível nº 0197116-0, que deu provimento parcial ao apelo para o fim de "afastar a extinção do processo sem resolução do mérito, com baixa na distribuição, decretada em primeiro grau, determinando apenas o respectivo **arquivamento, sem baixa na distribuição**, na linha do que decidido no Resp 1.111.982 - SP, Rel. Min. Castro Meira".

O acórdão embargado restou ementado nos seguintes termos:

"RECURSO DE AGRAVO. EXECUÇÃO FISCAL. ARQUIVAMENTO DOS AUTOS, SEM BAIXA NA DISTRIBUIÇÃO. RECURSO IMPROVIDO. 1. É certo que o interesse de agir constitui uma das condições da ação. 2. Trata-se, como cediço, de questão de ordem pública, a ser reconhecida de ofício, a qualquer tempo e grau de jurisdição. 3. O interesse de agir diz respeito à utilidade do processo, em relação aos fins a que se destina, razão pela qual pode o Judiciário (e não apenas o credor), aferir a insignificância do crédito exequendo, sem com isso adentrar na esfera administrativa. 4. O Resp 1.111.982-SP determinou que as execuções fiscais de pequeno valor "devem ter seus autos arquivados, sem baixa na distribuição", razão pela qual, observada a função uniformizadora do direito e o valor do crédito exequendo, a decisão agravada deu provimento parcial ao apelo, em ordem a determinar o arquivamento dos autos, sem baixa na distribuição. 5. Além disso, restou consignado na decisão guerreada que tal "entendimento não é afastado pela circunstância de eventualmente existirem débitos outros na esfera administrativa, a despeito do que preceitua o art. 2º, II, § 1º, da Lei Complementar Estadual nº 105/07, eis que o custo da movimentação da máquina judiciária há de ser avaliado à vista do processo que concretamente esteja em tramitação, até porque facultado à Fazenda exequente - no caso de existirem outras execuções aforadas contra o mesmo devedor - requerer a reunião dos processos, nos termos do art. 28 da Lei de Execuções Fiscais, em ordem seja a assegurar a unidade da garantia, seja a denotar, pelo somatório dos créditos exequendos, a viabilidade econômica dos procedimentos em causa." 6. No caso em comento, a determinação de arquivamento dos autos, sem baixa na distribuição, não impede que a Fazenda Pública exequente solicite o desarquivamento dos mesmos para a tramitação conjunta com outros executivos fiscais. 7. No mais, cabe à representação judicial da Fazenda exequente administrar o rol dos processos de seu interesse, inclusive os arquivados sem baixa na distribuição, e bem assim diligenciar a reunião dos executivos propostos contra um mesmo devedor, além da prática dos atos processuais necessários a evitar a ocorrência da prescrição intercorrente. 8. Recurso de Agravo improvido."



058

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

Em suas razões recursais, o embargante pede seja suprida a contradição e obscuridade em relação a Lei Complementar nº 105/2007, especificamente quanto ao tratamento dado aos casos permissivos de desistência do débito fiscal pela Fazenda Pública Estadual, bem como a omissão quanto à aplicação do art. 2º daquele diploma legal.

Alega que, *"ao recusar aplicação ao art. 2º da Lei Complementar nº 105/07(...), sem declaração de inconstitucionalidade, o Acórdão agora embargado violou o art. 97 da CF/88"*.

Ressalta que: (i) a decisão atacada contraria o conteúdo da Súmula Vinculante nº 10 do STF, que preceitua a *"impossibilidade de ser afastado dispositivo de lei estadual sem a sua declaração de inconstitucionalidade pelo Plenário"*; (ii) que o montante total do débito do executado impossibilita o pedido de desistência da cobrança pelo Estado exequente (§ 1º, do art. 2º, da LCE nº 105/2007); (iii) a definição de valor ínfimo é de reserva legal considerando a realidade econômica do Estado; (iv) a conclusão sobre a facilidade das reuniões das execuções fiscais de um mesmo devedor é errônea, uma vez que *"existem situações em que não é possível proceder à reunião dos feitos"*; (v) os processos arquivados *"sequer constam do banco de dados para consulta processual fornecido pelo Poder Judiciário Estadual"*, correndo o risco da prescrição intercorrente.

É o que importa relatar.

Na hipótese vertente, considerada a remissão a diversos dispositivos legais e precedentes dos Tribunais Superiores, é importante situar, mais uma vez, o núcleo central da questão controversa.

Com efeito, a sentença de primeiro grau extinguiu o processo sem resolução de mérito, por falta de interesse de agir, em face do baixo valor do crédito exequendo.

Esta instância revisora manteve esse entendimento, reformando a sentença apenas para determinar que o executivo fiscal fosse arquivado sem baixa na distribuição, em expressa reverência aos motivos determinantes do julgamento levado a efeito no Resp (repetitivo) 1.111.982/SP, Rel. Min. Castro Meira.

A contrariedade da Fazenda exequente para com o entendimento esposado por este colegiado está assentada nos seguintes argumentos:

(i) a legislação estadual de regência específica (Decreto Estadual nº 32.549/08) considera *"irrisório"* apenas os valores não superiores a R\$ 2.000,00 (dois mil reais);

(ii) por isso, os valores de referência adotados pela Lei Complementar Estadual nº 105/07 (alterada pela LCE 133/08), autorizativos da não-propositura e/ou desistência de execuções fiscais – R\$ 10.000,00 para débitos de ICMS e R\$ 5.000,00 para outras espécies tributárias – só podem ser aplicados levando-se em conta a totalidade dos débitos de responsabilidade do devedor/executado; e



0596

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

(iii) a prestação jurisdicional em desacordo com os parâmetros traçados pela LCE nº 105/07 (alterada pela LCE 133/08) invade esfera reservada à atuação do Executivo (o credor/exeqüente) e implica em declaração implícita de inconstitucionalidade do art. 2º daquele diploma legal.

Examinem-se esses argumentos, à luz dos pronunciamentos judiciais já lançados nos autos.

De proêmio, vale a pena fazer uma breve digressão para fincar a idéia de que, em linha de princípio, a análise, pelo Judiciário, da condição da ação consistente no *interesse de agir* em sede de execuções fiscais, não é vinculada nem muito menos condicionada ao *juízo discricionário* eventualmente formulado pela Fazenda exeqüente quanto ao valor que, *para ela*, seja irrisório.

Daí porque nem o valor de R\$ 2.000,00 (dois mil reais), de que trata o Decreto nº 32.549/08, nem tampouco os valores de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) e R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), objeto da LCE 105/07, em verdade são *vinculantes* para o Judiciário, em ordem a *determinar*, em *termos absolutos*, o que seja *valor ínfimo* idôneo a caracterizar a *ausência de interesse de agir*.

É fora de dúvida, porém, que tais valores constituem *parâmetros óbvios* a serem considerados pelo julgador no momento de *aplicação concreta* do direito à espécie.

Ou seja: a partir de *conceitos indeterminados* (como o são os de *valor ínfimo* e *valor irrisório*), o julgador, tendo em vista a *realidade concreta* de um determinado momento histórico (inclusive em termos econômicos e sociais), deverá decidir se o feito executivo proposto guarda, ou não, a *utilidade prática* indispensável à caracterização do *interesse de agir*.

Isso porque (rememore-se) a jurisprudência vêm reconhecendo, amplamente, a inadmissibilidade de execuções fiscais cujo custo operacional seja mais elevado do que o valor do crédito exeqüendo, em homenagem aos princípios da razoabilidade, da finalidade e do próprio interesse público.

Deveras, o exercício da jurisdição deve sempre levar em conta a utilidade do provimento jurisdicional pretendido em relação ao custo social de sua preparação.

Assim, a pretensão do Estado em cobrar créditos fiscais de valores ínfimos configura desperdício de verbas públicas, na medida em que a movimentação do aparato judicial, nesse caso, revela-se contraproducente e antieconômica.

No caso de Pernambuco, a própria Fazenda classifica como *irrisórios* os valores inferiores a R\$ 2.000,00 (dois mil reais), não havendo controvérsia quanto a este ponto.

No entanto, este colegiado tem entendido que são insuficientes para denotar o *interesse de agir*, os valores inferiores a R\$ 10.000,00 (no caso de ICMS) e a R\$ 5.000,00 (nos demais casos), *tomando por base os próprios parâmetros adotados pela LCE 105/07*.



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO
GABINETE DES. FRANCISCO BANDEIRA DE MELLO
8ª CÂMARA CÍVEL

Assevera a Fazenda, porém, que a LCE 105/07 não autoriza a extinção das ações quando *"o valor total dos débitos de igual espécie e não ajuizados do mesmo devedor superar os limites fixados"*.

Ocorre que, *uma vez firmados* os parâmetros segundos os quais *é possível* o não-ajuizamento da ação (e, por igual razão, a extinção de ação proposta) – tudo isso obviamente em função de um *juízo legal prévio* acerca da *utilidade* do procedimento em cotejo com o valor do crédito -- duas consequências jurídicas se impõem.

A primeira delas é a *virtual eliminação*, dentro dos parâmetros estabelecidos para cada espécie tributária, da *indeterminação* do conceito de *valor ínfimo* ou *irrisório*, em ordem estabelecer uma *"zona de certeza positiva"* no âmbito da qual o Judiciário poderá, sem margem a dúvida, ter por ausente o *interesse de agir*.

A segunda consequência – decorrente da primeira – é a de que, em termos processuais, o interesse de agir é de ser aferido em razão do procedimento executivo *in concreto* ajuizado, sendo irrelevante perquirir se existem, ou não, créditos outros de responsabilidade do mesmo contribuinte.

Até porque, se existirem créditos outros, cobráveis pela via executiva, não se justifica, à luz do princípio da economicidade, o ajuizamento isolado de processo relativo a valor ínfimo, nem muito menos a respectiva tramitação isolada, especialmente à luz do permissivo contido no art. 28 da Lei de Execuções Fiscais.

E se tais créditos outros não são cobráveis pela via executiva – sobretudo aqueles ainda não definitivamente constituídos - o argumento fazendário não é pertinente, vez que inviável apurar o interesse de agir em função de créditos *potenciais*.

Visto isso, tem-se que a decisão recorrida firmou suas conclusões a partir dos próprios parâmetros de *utilidade* processual adotados pela LCE 105/07, não havendo que se cogitar de sua *declaração de inconstitucionalidade*, nem mesmo de forma *implícita*.

Diante do exposto, conheço dos presentes embargos, para fins de prequestionamento explícito das questões aqui consignadas, porém **nego-lhes provimento**, eis que ausentes quaisquer dos vícios elencados no art. 535 do CPC.

Recife, 17 de dezembro de 2009.


Des. Francisco Bandeira de Mello
Relator